



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

ALINE MARTINS DE OLIVEIRA

**ESQUEMAS DESADAPTATIVOS EM MULHERES
VÍTIMAS DE VIOLÊNCIAS NAS RELAÇÕES
ÍNTIMAS**

ARIQUEMES - RO

2018

Aline Martins de Oliveira

**ESQUEMAS DESADAPTATIVOS EM MULHERES
VÍTIMAS DE VIOLÊNCIAS NAS RELAÇÕES
ÍNTIMAS**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Prof^a. Orientadora: Ma. Gésica Borges Bergamini.

ARIQUEMES - RO

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA

OL48e

OLIVEIRA, Aline Martins de .

Esquemas desadaptativos em mulheres vítimas de violências nas relações íntimas: . / por Aline Martins de Oliveira. Ariquemes: FAEMA, 2018.

70 p.; il.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. Ma. Gesica Borges BERGAMINI .

1. Psicologia. 2. Esquemas Iniciais Desaptativos. 3. Violência Doméstica. 4. Mulher. 5. Terapia. I BERGAMINI, Gesica Borges. II. Título. III. FAEMA.

CDD:150.

Bibliotecário Responsável
EDSON RODRIGUES CAVALCANTE
CRB 677/11

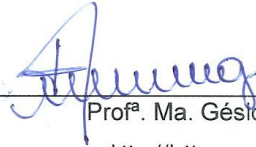
Aline Martins de Oliveira

<http://lattes.cnpq.br/4581431818101593>

**ESQUEMAS DESADAPTATIVOS EM MULHERES VÍTIMAS
DE VIOLÊNCIAS NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª Ma. Gésica Borges Bergamini

<http://lattes.cnpq.br/9917312275798327>

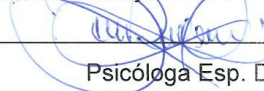
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA.



Prof.ª Esp. Lucineide da Costa Santana

<http://lattes.cnpq.br/1020118713287333>

Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA.



Psicóloga Esp. Débora Regina Clais

Psicóloga Clínica.

Ariquemes, 13 de Novembro de 2018.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Dejayr e Ildonila (*in memoriam*).

Aos pais que a vida me presenteou, meus tios Gilberto e Merley.

A minha orientadora Ma. Gésica Bergamini.

Aos professores que contribuíram com minha formação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me proporcionar saúde, força e capacidade para realizar esse sonho.

Aos meus pais Dejaysr Martins e Ildonila de Oliveira Martins (*in memoriam*), pelo cuidado e dedicação.

Aos pais que a vida me presenteou, meus tios Gilberto de Oliveira Martins e Merley Marcelina de Matos Martins, por acreditarem em mim, pela dedicação e suporte.

Aos meus tios João Oliveira e Marileuda Santos da Costa, pela compreensão e suporte.

Ao meu namorado, pela compreensão e companheirismo.

A minha orientadora Ma. Gésica Borges Bergamini, pela dedicação, disponibilidade e ricas contribuições durante as etapas deste estudo.

A Débora Cristina de Oliveira Pessoa Gonçalves e Renata Cristina Turíbio, pela amizade, compreensão e companheirismo durante a graduação.

Aos professores Ma. Carla Patrícia Rambo Matheus, Dr. Roberson Geovani Casarin e Esp. Hanns-Muller Marques Lopes, pelo privilégio de tê-los como supervisores de estágio.

Aos demais professores e colegas de curso, pois juntos trilhamos uma etapa importante de nossas vidas.

A Delegada Rosa Maria Pinho Campos, pela disponibilidade, compreensão e imensuráveis contribuições durante as etapas deste estudo.

A equipe de servidores da Delegacia Especializada no Atendimento a Mulher do município de Ariquemes-RO, pela calorosa recepção, compreensão e contribuições durante a coleta de dados deste estudo.

As pessoas entrevistadas, pela concessão de informações importantes para a realização deste estudo.

A todos que, de algum modo colaboraram para a realização e finalização deste estudo.

“A violência nega a possibilidade de ser sujeito, de construir-se e constituir-se como capaz de autonomia na relação” (CHAUI, 1985).

RESUMO

Os Esquemas Iniciais Desadaptativos são compreendidos como estruturas de condutas e comportamentos que são oriundas das necessidades básicas infantis. A violência nas relações íntimas esta além da violência doméstica, uma vez que envolve vínculo íntimo e afetivo, ou seja, trata-se de violência que ocorre entre pares. **Objetivos:** O presente estudo realizou o levantamento dos esquemas desadaptativos em mulheres vítimas de violência nas relações íntimas, verificando as influências das relações primárias sobre os comportamentos disfuncionais das vítimas em relações íntimas abusivas e como as mesmas expressam seus comportamentos diante da violência. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem mista, partindo dos pressupostos teóricos da Terapia de Esquemas de Jeffrey Young, utilizando como instrumentos para coleta de dados: Questionário de Esquemas de Young - YSQ-S3, Questionário sociodemográfico e Escala de Violência entre Parceiros Íntimos – EVIPI. Avaliou-se 30 mulheres vítimas de violências nas relações íntimas, com idades acima de 19 anos que estiveram presente na Delegacia Especializada no Atendimento a Mulher – DEAM, no município de Ariquemes-RO. **Resultados/Discussão:** Como esquemas prevalentes em mulheres vítimas de violências nas relações íntimas, estão auto sacrifício, negativismo, abandono, vulnerabilidade, padrões inflexíveis, desconfiança e privação emocional, sendo comum o predomínio de esquemas do I domínio – desconexão e rejeição. **Conclusão:** Os dados da pesquisa corroboram com os pressupostos teóricos de Young (1990) no que concerne as influências das relações primárias precárias sobre as relações íntimas disfuncionais, como também o uso esquemas desadaptativos pelas vítimas, tendo em vista que as mesmas utilizam como processo esquemático a manutenção/resignação o que influi na permanência na relação íntima abusiva.

Palavras-chave: Esquemas iniciais desadaptativos; violência nas relações íntimas; Terapia de Esquemas.

ABSTRACT

The maladaptive initial schemes are understood as structures of conduct and behavior, that comes from children's basic needs. The violence in intimate relationships is beyond the domestic violence, once that involves intimate and affective bonds, in other words it is about the violence that happens in pairs.

Purpose: This study makes the survey of the maladaptive schemes in women who suffered violence in intimate relationships, verifying the influences of primary relationships on the dysfunctional behavior of victims in abusive intimate relationship and how they manifest their behavior in front of violence. **Method:** It is about a descriptive research that has a mixed subject based on theoretical assumption of Schemes Therapy by Jeffrey Young, using like a instrument of data collect: Young's Schemes questionnaire – YSQ-S3. Sociodemographic questionnaire and Violence Scale between intimate partners – VSBIP. Were evaluated 30 women victims of violence in intimate relationships with ages above 19 years old that were present at the police station specializing in women's care – PSSWC, in the Ariquemes city.

Results/Discussion: How prevalent schemes in women who suffered intimate violence there is: self-sacrifice, negativism, abandonment, vulnerability, inflexible standards, distrust and emotional privation, being common the prevalence of first domain schemes – disconnection and rejection.

Conclusion: The data's research corroborate with the theoretical assumptions by Young (1990) in relation to precarious primary relationships influences on the dysfunctional intimate relationships as the use of maladaptive schemes by victims whereas that they use like schematic process the maintenance/resignation what influences their permanence in the abusive intimate relationship.

Keywords: Maladaptive Initial Schemes, Violence in Intimate Relationships, Schemes Therapy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
DE	Domínio Esquemático
DEAM	Delegacia Especializada no Atendimento a Mulher
EIDs	Esquemas Iniciais Desadaptativos
EVIPI	Escala de Violência entre Parceiros Íntimos
FAEMA	Faculdade de Educação e Meio Ambiente
PE	Processos Esquemáticos
TE	Terapia de Esquemas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
VPI	Violência entre Parceiros Íntimos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	6
2.1 TERAPIA DE ESQUEMAS	6
2.2 VIOLÊNCIAS NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS	13
3 OBJETIVOS.....	18
3.1 OBJETIVO GERAL.....	18
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
4 METODOLOGIA.....	18
4.1 TIPO DE ESTUDO.....	18
4.2. Participantes	22
4.3 População/amostra.....	23
4.4 Local de estudo.....	23
4.5 Coleta de dados	24
4.6 Aspectos éticos	24
4.7 INSTRUMENTOS.....	25
4.7.1 Questionário Aberto	25
4.7.2 Questionário de Esquemas de Young	25
4.7.3 Escala de Violência entre Parceiros Íntimos – EVIPI.....	25
4.8 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	26
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS	36
APENDICÊS.....	42
CARTA DE ANUÊNCIA	42
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE.....	44
ANEXOS	48
QUESTIONÁRIO ABERTO.....	48
QUESTIONÁRIO DE ESQUEMAS DE YOUNG — YSQ-S3	50
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	57
CURRÍCULO LATTES.....	60
RESULTADO DO ANTIPLÁGIO.....	61

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher nas relações íntimas caracteriza-se por relações que haja vínculo íntimo afetivo entre a vítima e o agressor permeados por atos de violência psicológica, moral, patrimonial, física e sexual, tendo como intenção manter controle sobre a vítima (LEÃO *et al.*, 2017), sendo um problema de saúde pública e social (MARTINS; BARTILOTTI, 2015). A violência nas relações íntimas tem como objetivo subordinar a vítima, sendo relações marcadas por zelo excessivo e geralmente por uma vítima suscetível a se manter submetida ao agressor (LEÃO *et al.*, 2017).

De acordo com Young *et al.*, (2008), as relações primárias estabelecem influências significativas nas vivências e relações do sujeito. Dessa maneira a terapia de esquemas ressalta que as vivências primárias traumáticas constituem crenças disfuncionais ao sujeito, influenciando nas demais relações, principalmente nas relações íntimas a serem estabelecidas. Assim sendo os esquemas desadaptativos (crenças disfuncionais), podem influenciar na escolha do parceiro íntimo e na maneira de se relacionar, tendo em vista que as relações íntimas também são marcadas por dificuldades (SCRIBEL *et al.*, 2007).

Este estudo trata-se de uma pesquisa quantitativa do tipo de levantamento descritivo, realizada na Delegacia Especializada no Atendimento a Mulher no município de Ariquemes-RO, com mulheres vítimas de violências nas relações íntimas, tendo como objetivo identificar o perfil de esquemas desadaptativos das vítimas, as influências das relações primárias sobre comportamentos disfuncionais das mesmas nas relações íntimas e expressar o comportamento da vítima diante das relações íntimas abusivas.

Os danos causados pela violência nas relações íntimas, à saúde emocional e física da vítima requerem intervenções e preparo por parte dos profissionais que atuam junto às mulheres vítimas de violência nas relações íntimas. Dessa forma a Psicologia enquanto ciência busca intervir, permitindo a vítima resignificar suas vivências como também auxilia no enfrentamento e prevenção à violência.

A relevância do estudo se dá através da magnitude do tema, em se tratando de um problema social e de saúde pública o que permite contribuir com ações preventivas e interventivas de acordo com as necessidades da demanda.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 TERAPIA DE ESQUEMAS

Instituída por Jeffrey E. Young, Janet Klosko e Marjorie Weishaar (CAZASSA; OLIVEIRA, 2012) a Terapia de Esquemas, agrega pressupostos teóricos de abordagens diversas, como a terapia cognitiva comportamental, psicanálise, gestalt, construtivista, teoria do apego e das relações objetais (TRINDADE *et al.*, 2009). Sendo uma abordagem teórica contemporânea acrescentam de forma expressiva princípios e métodos da abordagem cognitivo-comportamental convencional (YOUNG *et al.*, 2008; WAINER *et al.*, 2016).

O conceito de esquemas serve para elucidar conteúdos psíquicos a partir de vivências significativas do indivíduo e seu modo de perceber e armazenar tais informações, envolvendo sentimentos, pensamentos de acordo com a significação pessoal (BECK *et al.*, 2005 *apud* SCRIBEL *et al.*, 2007). Scribel *et al.*, (2007), ressaltam que “as crenças fazem parte dos “esquemas” que distingue e condensa as informações, estimulando as formas de responder diante das situações.”

Os esquemas originam-se a partir das primeiras privações emocionais não sanadas durante a infância ou adolescência. De acordo com Young *et al.*, (2008) há cinco exigências emocionais primordiais aos seres humanos, sendo estes, laços afetivos estáveis, segurança, validação das emoções, imposição de limites, independência, desenvolvimento de habilidades favorecendo a formação de identidade, dessa forma faz-se necessário por parte dos pais e cuidadores sanar tais necessidade, permitindo o desenvolvimento psíquico favorável ao indivíduo (YOUNG *et al.*, 2003 *apud* PAIM; FALCKE, 2016).

Dessa maneira os esquemas desadaptativos iniciais são originados através das necessidades não sanadas, somado a estrutura nativa da criança, vivências dolorosas na infância e adolescência (PAIM; FALCKE, 2016). O contato da estrutura da criança com o primeiro meio tem como consequência a insatisfação e não recompensas das necessidades básicas. Assim a terapia de esquemas tem como proposito auxiliar o sujeito a descobrir novas possibilidades que permitem o

ajustamento para sanar as condições emocionais indispensáveis (YOUNG *et al.*, 2008).

Todos possuem exigências emocionais, no entanto alguns apresentam de forma mais significativa que outros. Assim podemos considerar um indivíduo saudável emocionalmente, sendo aquele capaz de sanar de maneira adaptativa as carências emocionais primordiais (YOUNG *et al.*, 2008; WAINER *et al.*, 2016).

As primeiras vivências tóxicas na infância formam os esquemas desadaptativos remotos. Os esquemas constituídos prematuramente e resistentes comumente se formam no primeiro núcleo familiar. “As dinâmicas do primeiro núcleo a qual a criança faz parte é a dinâmica de todo seu mundo remoto” (YOUNG *et al.*, 2008, p. 25).

Young *et al.*, (2008) ressalta que a medida que a criança começa desenvolver-se e a participar de novos grupos, como a escola, amigos, comunidade e a cultura podem desencadear novos esquemas, sendo geralmente menos significativos. Levando em consideração as relações primárias, a aprendizagem, experiências, a significação pessoal constitui a forma de perceber, agir e relacionar no mundo e com outros (YOUNG *et al.*, 2008).

Os esquemas podem ser considerados adaptativos ou desadaptativos. Os esquemas adaptativos estão relacionados às vivências positivas quando estimuladas auxiliam de maneira apropriada, contribuindo de forma assertiva nas vivências posteriores (YOUNG *et al.*, 2008). Enquanto os esquemas desadaptativos são oriundos das vivências traumáticas primárias podendo refletir nas vivências subsequentes suscitando relações conflituosas (YOUNG *et al.*, 2008). Quando adultos os indivíduos se deparam com acontecimentos que ativam os esquemas desadaptativos remotos, experienciam o sofrimento de infância, relacionados às primeiras vivências com os cuidadores (YOUNG *et al.*, 2008).

Segundo Cecero e Young (2001), *apud* Paim e Falcke (2016), as relações interpessoais secundárias engendradas a partir de esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) trazem vivências conflituosas, sendo disfuncionais ao indivíduo. De acordo com a Teoria de Esquemas as vivências primárias estressantes, enfrentamentos, desapontamentos são rememorados em emoções, sensações corporais e cognições quando as vivências recentes estimulam os EIDs (PAIM; FALCKE, 2016).

Sendo estabelecido desde a infância, é parte disfuncional do sujeito estando associado a várias patologias, sendo também um padrão autodestrutivo que contempla suas emoções, crenças e cognições (YOUNG *et al.*, 2008).

Os Esquemas Desadaptativos Remotos são dezoito, sendo reposta das primeiras vivências resultante da insuficiência emocional não supridas, como também o meio a qual a criança está submetida, dentre outros fatores (TRINDADE *et al.*, 2009), assim os esquemas desadaptativos foram agrupados em cinco instâncias.

De acordo com Young *et al.* (2008), os esquemas estão distribuídos em cinco Domínios, sendo o primeiro “Desconexão Rejeição”: consiste na concepção que o sujeito possui, a qual acredita que o suporte emocional essencial que precisa não será suprido, a qual envolve cuidado, pertencimento e afeto, assim o mesmo enfrenta dificuldades em constituir laços afetivos satisfatórios com as pessoas. Estando associados a esse domínio os esquemas de: Abandono / Instabilidade; Desconfiança / Abuso; Privação Emocional; Defectividade / Vergonha; Isolamento / Distanciamento (YOUNG *et al.*, 2008; WAINER *et al.*, 2016). De acordo com Wainer *et al.* (2016), comumente as famílias das pessoas pertencentes a esse domínio são, frias, rejeitadoras, isoladora, imprevisível ou abusadora.

O segundo Domínio “Autonomia e desempenhos prejudicados” é marcado pela percepção que o indivíduo possui sobre si, desacreditando-se, minimizando suas aptidões, reafirmando a si a incapacidade de desempenhar atividades e ter autonomia, ao efetivar tais expectativas o mesmo se percebe inapto para concretizar algo. Estando associados a esse domínio os esquemas de: Dependência / Incompetência; Vulnerabilidade a Danos ou Doenças; Emaranhamento / Self Subdesenvolvido; Fracasso (YOUNG *et al.*, 2008; WAINER *et al.*, 2016). Conforme salienta Wainer *et al.* (2016), as famílias que concebem esses esquemas geralmente são, superprotetoras, emaranhadas e destruidoras da confiança da criança.

O terceiro domínio “Limites prejudicados”, expressa a inabilidade em estabelecer, concretizar objetivos e acatar as garantias alheias, a qual prevalece a priorização de si em detrimento do outro. Pessoas que possuem esquemas neste domínio, expressam dificuldades em adotar critérios racionais quando envolve o outro, e/ou objetivar designios pessoais. Estando associados a esse domínio os esquemas de: Merecimento /Grandiosidade; Autocontrole / Autodisciplina

insuficientes (YOUNG *et al.*, 2008; WAINER *et al.*, 2016). As famílias caracterizam-se pela permissividade excessiva, falta de orientação e discernimento ao que é certo ou errado (WAINER *et al.*, 2016).

O quarto domínio “Orientação para o outro” é marcado pela abstenção de si para empenhar-se de maneira imoderado ao outro, tais ações são pressupostos para preservar-se de represálias, em troca de assentimento e afeição do outro sobre si. Fazem parte desses domínios os seguintes esquemas: Subjugação; Auto-sacrifício; Busca de Aprovação / Busca de Reconhecimento (YOUNG *et al.*, 2008; WAINER *et al.*, 2016). As famílias caracterizadas por esse domínio possuem relações pautadas em concessões ao outros em troca consentimento, extinguindo parte de si para submeter-se ao outro (WAINER *et al.*, 2016).

O quinto e último domínio “Supervigilância e inibição”, consiste no enaltecimento excessivo em executar prescrições impostas, sendo estas estabelecidas pelo meio a qual vive, que acabam por invalidar parte de si, como suas predileções e intentos. Pessoas que possuem esquemas neste domínio são dispostas a inquietações excessivas e cultivam crenças que algo ruim pode acontecer a qualquer momento, se mostrando empenhada e alerta todo tempo. Fazem parte desse domínio os esquemas de: Negativismo / Pessimismo; Inibição Emocional; Padrões Inflexíveis / Crítica Exagerada; Caráter Punitivo (YOUNG *et al.*, 2008; WAINER *et al.*, 2016). Famílias que possuem pessoas nesse domínio comumente são punitivas, rígidas, perfeccionistas, buscando evitar erros negando a espontaneidade e o prazer, ensinando as crianças a serem hipervigilantes (WAINER *et al.*, 2016).

Em que pese os esquemas sejam dolorosos, são verdades que o indivíduo reconhece como pertencentes a si, mantendo suas crenças e compreensão, sendo cômodo manter-se de acordo com sua perspectiva, estando estabelecido de acordo com o esquema (YOUNG *et al.*, 2008).

As manutenções dos esquemas estão relacionadas às crenças, pensamentos, comportamentos, cognições, o que pode contribuir como seu fortalecimento, enfraquecimento ou com a sua terapêutica (TRINDADE *et al.*, 2009).

Há situações que podem contribuir com a permanência dos esquemas, sendo as distorções cognitivas, (que diz respeito à forma que o indivíduo interpreta o

mundo a sua volta a fim de reforçar seu esquema, sendo este oposto à realidade, supervalorizando o que contribui com a manutenção do esquema e contrapondo o que o extingue), padrões autodestrutivos (a qual busca alimentar seus aspectos inconscientes que fomentam seus esquemas advindos de traumas infantis, negando aspectos que venham desmentir seu esquema), e as formas de lidar com os esquemas (TRINDADE *et al.*, 2009).

Há interpretação de ameaça quando as necessidades emocionais infantis não são supridas, como também medo e surgimentos de novas emoções com a ativação do esquema (TRINDADE *et al.*, 2008). Diante de ameaça a criança tende a reagir de acordo com as ações de enfrentamento ao esquema, o que pode ser um comportamento adaptativo, no entanto de acordo com as condições ambientais tais comportamentos se tornam desadaptativos mantendo o esquema (TRINDADE *et al.*, 2009).

Os esquemas desadaptativos visam perpetuá-los formando assim um ciclo não saudável. Dessa forma o comportamento faz parte dos modos de enfrentamentos não ao esquema. As ações de enfrentamento ao esquema dizem respeito ao processo esquemático, que são ações externas e internas que objetivam conservá-los, sendo estes, a hipercompensação/compensação, evitação e resignação/manutenção (WAINER *et al.*, 2016). Quando há ameaça ao esquema o organismo busca reagir de acordo com essas três ações luta, fuga e congelamento (TRINDADE *et al.*, 2009).

A resignação ou manutenção esquemática como mecanismo de enfrentamento, há a inatividade do indivíduo a qual não busca confrontar ou fugir do esquema, assim o esquema é percebido como algo seguro, sendo mantidos quando vivenciados acontecimentos parecidos a de sua infância, ou seja, os comportamentos e cognições reforçam diretamente o esquema (YOUNG *et al.*, 2008; WAINER *et al.*, 2016).

Já a evitação esquemática busca manter a perpetuação dos EIDs distanciando da dor, evitando pessoas, informações e situação que possam contradizer as crenças dos esquemas (WAINER *et al.*, 2016). Através da evitação do esquema de maneira involuntária, pode haver inserção de novos comportamentos a fim de entreter, como por exemplo, o uso de substâncias. (TRINDADE *et al.*, 2009; WAINER *et al.*, 2016).

Na hipercompensação ou compensação esquemática a maneira do indivíduo lidar com o esquema é oposto aos realizados na infância, o que pode ser percebido como algo saudável, tendo como característica o modo de enfrentamento pressupõe-se, comportamentos incomuns, neutros, opostos aos realizados antes (YOUNG *et al.*, 2008; TRINDADE *et al.*, 2009; WAINER *et al.*, 2016).

De acordo com Scribel *et al.* (2007), a formação de um casal traz consigo a junção de suas crenças primárias, orientando suas ações na relação colaborando com a constituição de esquemas, dessa maneira a dinâmica conjugal pode contribuir com a manutenção dos EIDs do indivíduo (YOUNG *et al.*, 2003; WAINER *et al.*, 2016), levando em consideração a busca por congruência cognitiva e a preservação dos EIDs que comumente desencadeia forte atração por relações que preservam crenças familiares. Dessa maneira as escolhas amorosas e a permanência em relações danosas podem estar pautadas na essência do esquema, sendo vivenciada pela ativação de um ou mais esquemas sendo coordenada pelas vivências primárias (WAINER *et al.*, 2016).

A atribuição dos esquemas nas relações íntimas traz consigo influências das vivências primárias não satisfeitas, sendo estas conscientes ou não, dessa maneira o sujeito busca comprovar suas crenças primárias, não apenas para si como também para o contexto social, visando reproduzir questões conflitivas, possibilitando solução ou preservação (SCRIBEL *et al.*, 2007).

De acordo com Abordagem de Esquemas, isso acontece devido o respaldo nas significações de cada um, fornecendo condições para estruturação de esquemas (SCRIBEL *et al.*, 2007). Dessa maneira as ações do indivíduo são baseadas em suas crenças (esquemas) tidas como reais (YOUNG *et al.*, 2003).

Nas relações íntimas com predominância de esquemas adaptativos, a relação estabelecida há soma de competências pessoais, constituindo uma atmosfera de cooperação e companheirismo fortificando os envolvidos enquanto casal e pessoas levando ao desenvolvimento adequado (SCRIBEL *et al.*, 2007). Enquanto nas relações baseadas nos esquemas desadaptativos se dá de maneira desestabilizada inclinando a reafirmar os esquemas desadaptativos através de pensamentos adulterados, proporcionando um clima de contrariedade e hostilidade permanente (SCRIBEL *et al.*, 2007).

Leahy (2016) cita o exemplo de um sujeito que se sente sozinho, tendo emoções do primeiro domínio como medo, solidão, acreditando que é parte de sua

realidade, dessa maneira procura evitar tais sentimentos, com medo de ficar só buscam relações destrutivas.

A correlação entre violência nas relações íntimas e os esquemas iniciais desadaptativos foi realizada por Paim *et al.* (2012) com 163 pessoas em Porto Alegre/RS, verificou-se a relação entre os Esquemas Iniciais Desadaptativos e a violência matrimonial, sendo identificados os EIDs mais suscetíveis à preservação de relações de violência, sendo identificados os esquemas de desconfiança/abuso, isolamento social, defectividade/vergonha, dependência/incompetência, emaranhamento, auto sacrifício, grandiosidade/arrogância e autodisciplina/autocontrole insuficientes estando relacionados a praticar a violência (PAIM *et al.*, 2012).

Enquanto os esquemas desconfiança/abuso, auto sacrifício, emaranhamento, padrões Inflexíveis e autodisciplina/autocontrole insuficientes estão relacionados à vitimação da violência nas relações íntimas afetivas (PAIM *et al.*, 2012).

A terapia de esquemas tem como objetivo substituir condições desadaptativas por ações adaptativas, visando ao outro a maior compreensão benéfica de si. Tendo em vista que não há ausência dos esquemas e sim a diminuição de sua intensidade e ativação (YOUNG *et al.*, 2008).

2.2 VIOLÊNCIAS NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS

As violências nas relações íntimas podem ser perceptíveis por relações que haja vínculo íntimo afetivo entre a vítima e o agressor permeados por atos de violência psicológica, física e sexual, tendo como intenção manter controle sobre a vítima (LEÃO *et al.*, 2017). Havendo laços marcados por repreensão a vítima, distrações do controle, persuasão, zelo abundante, hostilidade, indiferença, assim a relação abusiva tem como objetivo subordinar a vítima através de recursos emocionais (LEÃO *et al.*, 2017).

As relações abusivas contra parceiros íntimos ocorrem entre cônjuges, amásios, namorados, amantes, ex-namorados, ex-cônjuges, (SILVA *et al.*, 2007), sendo mais frequentes em mulheres do que em homens, assim as mesmas são mantidas de maneira submissa a relação, podendo verificar contra homens, mas com menor periodicidade (LEÃO *et al.*, 2017). De acordo com Silva *et al.* (2007), compreende-se como violência contra a mulher nas relações íntimas, aqueles que mantêm ou mantiveram convívio afetivo sexual.

Instituída em 22 de setembro de 2006, a Lei n. 11.340, Lei Maria da Penha, designa suprimir atos de violência contra a integridade da mulher, sendo nomeada de acordo com o caso de uma vítima de violência doméstica contra a mulher. O objetivo da lei é preservar a mulher contra a violência doméstica que podem ocorrer não só entre parceiros íntimos como também em casos de violência intrafamiliar, que ocorre entre pessoas que possuam vínculos afetivos com a vítima (DE OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Leão *et al.* (2017), ressalta que a reprodução, a pluralidade e a não identificação das ações abusivas ocorre através da influência patriarcal e da coisificação da mulher, diminuindo-a enquanto objeto. De acordo com Chauí (1985), *apud* Alves e Diniz (2005), a violência impede a emancipação do sujeito negando sua participação na relação, como também a respectiva possibilidade de construção enquanto sujeito. “A violência é expressa através da desigualdade, surgindo como ameaça constante à vida sendo caracterizada pela omissão da vítima” (MONTEIRO; SOUZA, 2007).

As manifestações de violências podem ocorrer de diversas formas, como através da violência moral, patrimonial, física, psicológica e sexual, podendo culminar em homicídio (MARTINS; BARTILOTTI, 2015). A violência moral inclui práticas que configure calúnia, injúria ou difamação, enquanto a violência patrimonial é compreendida como diminuição, contenção, aniquilamento de bens e pertences (BRASIL, 2006, *apud* MARTINS; BARTILOTTI, 2015).

Como agressão física define-se práticas que façam uso de força física, tendo como intuito espancar a vítima ou arruinar seus pertences (PAIM; FALCKE, 2016), já a agressão sexual consiste em forçar práticas sexuais contra a vontade da vítima, ou usar sua sexualidade, funcionamento para lhe causar injúrias. Atos de violência psicológica são comuns embora não seja menos relevante, manifestando-se através de humilhações, intimidações, subordinação forçada, ofensas, omissão prejudicial e isolamento social (PAIM; FALCKE, 2016).

De acordo com o *Código Penal Brasileiro*, *apud* Garbin, *et al.* (2006, p. 568) dentre os tipos de violência física, inclui agressão leve e agressão grave: a agressão leve inclui espancamento a vítima, lesões ou ferimentos que não causam imobilização ou perda significativa em sua saúde física, o que também acarreta danos psicológicos expressivos, enquanto a agressão grave inclui danos e perdas significativas a saúde da mesma, como aborto, mal funcionamento dos membros ou perda total dos mesmos, inaptidão laboral, dentre outros.

De acordo com estudos realizados através de boletins de ocorrência por Jong (2000) *apud* Garbin *et al.* (2006, p. 569) percebeu-se que é frequente entre os tipos de agressões físicas, pernadas, murros nos olhos, maxilar e disparos com armas de fogo. Comumente as regiões do pescoço e garganta são as mais alvejadas através das agressões físicas, dentre fragmentar, incendiar, como demais agravos (GARBIN *et al.*, 2006).

A agressão psicológica a vítima pode ser manifesta de inúmeras formas, o que pode não ser percebido ou identificado como violência, suas manifestações incluem, zombar, desaprovar constantemente sem motivos, apelidar de forma ofensiva, atribuir culpa desnecessária, intimidar contra si ou familiares da vítima, vozear, imposições, expressar suas relações com outras mulheres, conceber ambiente danoso à vítima, dentre outras práticas (SILVA *et al.*, 2007).

Vivenciar a violência psicológica pode suscitar sérios danos e riscos à saúde da vítima, anulando sua autoestima deixando-a suscetível a uma série de transtornos mentais, somatização, depressão, fobia, estresse pós-traumático, consumo de substâncias, suicídio, ansiedade, como também pode acentuar a prática de agressões físicas (DAY *et al.*, 2003). Testemunhar atos de violência trazem danos expressivos à saúde dos filhos, baixa produtividade escolar, ansiedade, depressão e suscetibilidade a vários tipos de abusos, conforme afirma Day *et al.* (2003).

A mulher que experiencia violências nas relações íntimas não consegue facilmente identificar a situação de abuso, tendo em vista sua complexidade, pois o agressor comumente modifica as situações para incriminar a vítima, buscando confirmar a ela sua insuficiência, reduzindo-a em sua condição, nesse contexto a mesma passa ter baixa autoestima, podendo ocasionar complicações relacionadas à autoconfiança e autodeterminação, podendo desencadear posteriormente danos a sua saúde mental (LEÃO *et al.*, 2017).

A não constatação da violência sofrida pela vítima é dificultosa, devido à vinculação nociva entre o agressor e a mesma, tendo em vista que as ações sobre a vítima são engendradas de acordo com suas fragilidades, a qual se torna imperceptível à mesma a identificação da violência (LEÃO *et al.*, 2017).

Há situações que podem suscitar atos violentos nas relações íntimas, como por exemplo, situações ou mudanças que trazem desapontamentos pessoais, como problemas financeiros, perdas recentes, dentre outros (SILVA *et al.*, 2007).

O ciclo da violência é marcado é por três fases sendo cíclica, a primeira a fase é marcada pela tensão, a qual há falha na comunicação, limitação da liberdade, discussão, empurrões, a vítima fica com medo, ficando mais reservada buscando evitar conflitos (MARTINS; BARTILOTTI, 2015 *apud* GALVÃO; ANDRADE, 2004). Na primeira fase o agressor tem como objetivo baixar a autoestima da vítima para que ela venha tolerar as agressões que venham surgir (MARTINS; BARTILOTTI, 2015).

Já a segunda fase é marcada pela “explosão”, havendo a manifestação da violência física abrupta, perda do controle por parte do agressor, espancamento

grave a vítima, a qual pode ocorrer da mesma buscar ajuda, tanto policial, como familiar, ou as redes de apoio (MARTINS; BARTILOTTI, 2015). A terceira fase é marcada pela “lua de mel”, a qual o agressor pede desculpas, diz estar arrependido, promete mudanças, havendo reconciliação entre o casal.

Day *et al.* (2003), ressalta que alguns fatores podem estar relacionados a prática de atos abusivos contra a mulher nas relações íntimas, levando em consideração um arranjo de múltiplas causas pessoais, circunstanciais e culturais. Como características particulares do agressor, podemos mencionar ser homem, ter testemunhado agressão na infância, ter sido vítima de atos abusivos na infância, ausência paterna na infância, uso de bebidas alcoólicas ou outras substâncias (DAY *et al.*, 2003).

Há causas que também apresentam ameaças à convivência relacional, como discórdia matrimonial, liderança masculina frente às situações familiares tanto financeiras como situacionais (DAY *et al.*, 2003). Dentre os motivos coletivos envolvem situações de miséria, ociosidade, vinculação com criminosos, isolamento feminino e familiar. Como influência social sobre as relações abusivas destacam-se, preceitos sociais que originam o controle masculino sobre as ações femininas, assentimento de agressões para solucionar divergências, ter percepção da masculinidade está associada à agressividade, poder e moral, atribuições rigorosas entre ambos (DAY *et al.*, 2003).

De acordo com Leão *et al.* (2017), as circunstâncias impiedosas experienciadas pela mulher na sociedade atual em decorrência do controle masculino está nas raízes da coletividade masculina. As ações do agressor a qual são provocados à vítima, como também a passividade e omissão da mesma, servem para justificar tais atuações, como também é naturalizado e aceitável socialmente, assim a responsabilidade das agressões sofridas pela mulher vítima de violência é justificado através da cultura, o que recai a responsabilidade da violência sofrida sobre a mesma, justificando-os (LEÃO *et al.*, 2017).

Dentre as causas que colaboram com atos violentos nas relações íntimas envolvem, reprodução de violência no ciclo familiar, permanência da mulher na relação abusiva, experiências de violência infantil como negligência, abusos, fantasias sobre o parceiro, relacionamento como resolução de conflitos pessoais,

indícios de depressão, se sentir culpado pelos atos abusivos sofridos, privação de suporte como morada e acesso a educação e a saúde, entre outros (DAY *et al.*, 2003).

É comum em vítimas de violências nas relações íntimas, a insegurança, medo em buscar auxílio para o enfrentamento da situação vivenciada, quando há redução das ações violentas a mesma pode acreditar que não será necessário buscar ajuda, expectativa de mudança do parceiro, além de não ter consciência ou atribuir a si a responsabilidade da violência sofrida (MONTEIRO; SOUZA, 2007). Podendo haver também o retraimento da vítima ao suporte recebido, o que pode contribuir para maior dificuldade a se desvencilhar da relação abusiva, internalizando culpa e responsabilidade o que favorece o aumento da violência (MONTEIRO; SOUZA, 2007).

A permanência da vítima na relação abusiva envolvem diversas causas, subordinação emocional e financeira, amedrontamento, em alguns casos falta de suporte adequado. Sobre as ações das vítimas pode variar entre fuga, expectativa de mudança, suportar as ações abusivas, distanciamento da família e amigos, tendo em vista que as ações das mulheres em situação de violência são adotadas de acordo com as circunstâncias ao seu redor (DAY *et al.*, 2003).

Tendo em vista a atribuição da saúde pública e os enfrentamentos da violência contra a mulher é imprescindível o suporte adequado nos pontos de acesso à saúde e redes de apoio o que poderá auxiliar a vítima na identificação e combate a violência (MONTEIRO; SOUZA, 2007).

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Identificar o(s) perfil(s) de esquemas desadaptativos de mulheres vítimas de violências nas relações íntimas.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar o levantamento dos esquemas desadaptativos em mulheres vítimas de violência nas relações íntimas.
- Verificar as influências das relações primárias sobre os comportamentos disfuncionais da vítima em relações íntimas abusivas.
- Expressar os comportamentos das vítimas diante da violência nas relações íntimas.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE ESTUDO

Ao pensar na elaboração de uma pesquisa científica o cientista (pesquisador) precisa ter um conhecimento amplo sobre o fazer científico, sendo capaz de diferenciá-lo do fazer popular. O método científico que irá ser utilizado na pesquisa precisará estar de acordo com o que se propõem estudar. Para isso é necessário conhecimento metodológico e bastante leitura de pesquisas afins, como também ter seu objeto de pesquisa e seu direcionamento bem delimitado para que não ocorram distorções ao final do trabalho (CALAIS, 2010).

A pesquisa quantitativa pode ser considerada como um meio para verificar circunstâncias visando analisá-los através de pressupostos teóricos e sua relação

entre fatores. Podendo fazer uso de ferramentas que permitam maior alcance de informações e posterior verificação por dados recenseadores, o que serve para assentir maior consistência no estudo e em suas partes, sendo estas, introdução, teoria, instrumentos e resultados (CRESWELL, 2015).

Os pesquisadores que se engajam nessa forma de pesquisa possuem hipóteses as quais os levam a verificar através pressupostos teóricos, aferições podendo estes certificar suas teorias com os dados obtidos, dando consistência ao estudo e impossibilitando-o contra vieses (desvios e limitações dos instrumentos de coleta de dados), dessa maneira os estudos realizados cientificamente tem como desígnios afirmar suas teorias, permitir novas descobertas e possibilidades de contestação de resultados anteriores (através das análises amostrais) (CRESWELL, 2015). Os números são a base para as argumentações. Obtém uma análise amostral e generalizasse para determinadas populações. O método utilizado precisa ser o mais fidedigno possível, sem espaço para erros ou discrepância de resultados.

Também chamada de método científico, é considerada pós-positivista porque representa o pensamento posterior ao positivismo. De certa forma, desafia a noção tradicional da verdade absoluta sobre o conhecimento e reconhece que não podemos ser “positivos”, quanto às afirmações e pressupostos sobre o comportamento humano e suas implicações (CRESWELL, 2010).

Os pesquisadores dessa concepção filosófica partem do pressuposto de que há explicações para todo acontecimento ou fato, ou seja, acontecimentos diversos podem ser estudados para que se compreendam os fatores que contribuem para seu desfecho e o que pode favorecer. Dessa forma pode-se ponderar reducionista como algo que anteriormente se mostrava desconhecido ou complexo, passa a ser experimentado, assim fatores diversos são interpretados e assimilados aos pressupostos que envolvem o estudo (CRESWELL, 2015).

Desta forma, dentre os vários métodos quantitativos pós-positivista que se configuram para a coleta de dados científicos e a pesquisa de levantamento. (CALAIS, 2010). O levantamento é utilizado quando se quer saber de que maneira determinados comportamentos aparece em um determinado conjunto de pessoas para o qual se vai generalizar essa descoberta. Trata-se de um tipo de pesquisa geralmente utilizado para responder a questões associadas a opiniões, a valores e

ao comportamento de pessoas. A solicitação de informações, acerca do problema estudado deve ser feita a um grupo significativo de pessoas a fim de mediante análise quantitativa, se obtenha conclusões sobre os dados coletados (DYNIEWICZ, 2009; CALAIS, 2013).

O objetivo principal da pesquisa de levantamento descritivo é descrever, explicar e explorar o fenômeno proposto. Realizar um levantamento é descrever como determinadas variáveis aparecem naquela amostra populacional. Podendo obter-se dados que expliquem a presença daquele fenômeno e consegue-se explorar um tema que não está claro para o pesquisador (CALAIS, 2013). As pesquisas deste tipo são caracterizadas por questionar determinado grupo e suas condutas, que se deseja conhecer, a qual através de informações do público determinado, tendo a problemática a ser estudado, através de análise quantitativa, afim comprovar os dados obtidos (GIL, 2007; CALAIS, 2013).

A análise é feita com o emprego de estatística descritiva, possibilitando a apresentação de dados quantitativos de forma manejável. Isto possibilita a descrição das variáveis, isoladamente, ou a partir de associações, pela redução de dados e das medidas de associação. A redução dos dados facilita a gestão dos mesmos, com cálculos que permitem a diminuição da quantidade de valores obtidos em pesquisas quantitativas. (DYNIEWICZ, 2009).

A forma mais coerente de se realizar uma pesquisa de levantamento seria recolher a informações do público alvo, através de levantamento. Porém, realizar tal tarefa é bastante custosa, dispendiosa e somente é possível desenvolver levantamentos desta magnitude através de instituições governamentais como método indispensável em boa parte das investigações sociais (GIL, 2007; *BREAKWELL et al.*, 2010; *SHAUGHNESSY et al.*, 2012).

Comumente as pesquisas ocorrem com parte do público a ser estudado. Tendo como primeiro passo a escolha do público a ser analisado, utilizando de uma amostra do mesmo, sendo este considerado objeto do estudo, dessa maneira os resultados alcançados na amostra são afirmadas para todo o público, considerando a margem de erro e as variáveis envolvidas, dessa maneira esse tipo de estudo se torna comum entre os estudiosos (GIL, 2007; *BREAKWELL et al.*, 2010; CALAIS, 2010; *SHAUGHNESSY et al.*, 2012).

Levantamento é um método comum e importante para se estudar comportamento (COZBY, 2003). Superficialmente a pesquisa de levantamento é enganadamente simples. Pois, quando se deseja inferir princípios gerais do comportamento as observações realizadas devem ser bem mais sofisticadas do que as observações cotidianas e casuais. O rigor científico exigido é extremamente necessário. A pesquisa por meio de levantamento exige mais do que apenas fazer perguntas às pessoas (SHAUGHNESSY *et al.*, 2012).

Existem duas considerações importantes na pesquisa de levantamento: as técnicas de amostragem e a construção de um instrumento de levantamento (COZBY, 2003). Para essa análise o pesquisador deve ter bem estabelecido o seu objeto de estudo e as informações que pretende coletar. O principal instrumento da pesquisa de levantamento é o questionário e, assim, é necessário que o pesquisador construa um bom questionário.

Na Psicologia, em especial, tem-se os testes psicológicos como instrumentos pertinentes ao uso em pesquisas de levantamento. Por seu rigor científico os testes podem trazer informações precisas e dados pertinentes sobre a amostra estudada. A utilização de testes psicológicos também precisa ser através de uma escolha bastante objetiva. O teste tem que coletar e informar exatamente aquilo que se pretende estudar (BREAKWELL *et al.*, 2010; CALAIS, 2010; SHAUGHNESSY *et al.*, 2012).

O uso de testes promoverá uma avaliação psicológica. Essa por sua vez é uma prática imprescindível para o psicólogo, sendo pois através da mesma que serão identificados os problemas, que se conheceram os sujeitos e que poderá programar intervenções mais adequadas para as diferentes situações e contextos profissionais. Desse modo, a avaliação é considerada um processo de coleta de dados, que integra informações de naturezas diversas do sujeito avaliado. Bons instrumentos tendem a gerar avaliações adequadas e, em consequência, tratamento mais eficazes (NORONHA; BAPTISTA, 2010).

Há um consenso entre os principais teóricos desta abordagem que o uso de testes psicológicos nas pesquisas realizadas por psicólogos é uma boa estratégia de dar maior cientificidade aos dados encontrados. O método de levantamento mostra-se bastante usual para a existência de uma Psicologia baseada em evidências.

Precisamos dar ciência a nossa prática, precisamos dar valor científico as nossas teorias e argumentações – o levantamento é uma boa estratégia para esse processo.

Portanto, esta pesquisa tem como método a abordagem quantitativa, sendo a mesma do tipo de levantamento descritivo, pois pretende verificar condutas em determinado grupo e sua relação sobre a população, assim este estudo objetiva analisar como público alvo mulheres vítimas de violências nas relações íntimas e os respectivos esquemas (arranjos de comportamentos) que influi sobre suas condutas, para o qual irá generalizar essa descoberta (BREAKWELL *et al.*, 2010; CALAIS, 2010; SHAUGHNESSY *et al.*, 2012). Assim a pesquisa descritiva, caracteriza-se por retratar atributos específicos de populações ou fenômenos. Uma das características deste tipo de estudo é utilizar-se de instrumentos padronizados para alcançar os objetivos do estudo (GIL, 2008).

4.2. Participantes

O público desta pesquisa são mulheres vítimas de violência(s) nas relações íntimas, encaminhadas a DEAM do município de Ariquemes/RO.

Neste estudo optou-se pelos critérios inclusão, a saber: a) ser vítima de violência contra a mulher nas relações íntimas, tendo como agressor cônjuge, ex-cônjuge, namorado, noivo, ex-namorado, amásio ou amante; b) Ser do gênero feminino; c) Ter idade a partir de 19 anos completos; d) Assentir participar do estudo através do TCLE.

Quanto aos critérios de exclusão, a saber: a) Ser vítima de violência contra a mulher, tendo como agressores pais, irmãos, sobrinhos, tios, avós, filhos, ou qualquer membro familiar não caracterizado como parceiro íntimo; b) Ter menos que 19 anos de idade; c) Não aceitar participar do estudo; d) Recusar assinar o TCLE.

Participaram deste estudo 30 mulheres vítimas de violências nas relações íntimas, que estiveram na Delegacia Especializada no Atendimento a Mulher do município de Ariquemes-RO.

4.3 População/amostra

A população da referida pesquisa é intermitente e de fluxo contínuo, tendo somente informações repassadas pelo próprio local, Delegacia Especializada no Atendimento a Mulher – DEAM do município de Ariquemes, de acordo com a mesma, são atendidas em média 5 mulheres ao dia, totalizando 150 mulheres mês. Desta população, utilizou-se de uma amostra aleatória do tipo de conveniência, ou seja, a pesquisadora esteve durante três semanas, de segunda a sexta-feira, por 6h, realizando convite e acessando as mulheres vítimas de violências nas relações íntimas que se enquadraram na pesquisa. Portanto, trata-se de uma população de *coorte*, sem um número estimado de acessos, finalizando com um total de 30 mulheres como número desta pesquisa.

4.4 Local de estudo

O estudo foi realizado na instituição pública Delegacia Especializada em Atendimento a Mulher – DEAM, do município de Ariquemes estado de Rondônia, sendo desenvolvido nas dependências da instituição com mulheres vítimas de violências nas relações íntimas, após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa, de acordo com o Parecer Consubstanciado do CEP, número 2.683.345.

A DEAM disponibilizou uma sala com mesa, 3 cadeiras e climatização para a aplicação dos instrumentos da coleta de dados.

4.5 Coleta de dados

Foram utilizados para a coleta de dados os seguintes questionários:

1. Questionário para levantamento de dados sobre vítima;
2. Questionário de Esquemas de Young (1990);
3. Escala de Violência entre Parceiros Íntimos - EVIPI.

A aplicação dos 3 instrumentos foi testado em sequência para mensuração do tempo de aplicação, tendo duração média de 45 minutos. A coleta de dados deu-se em 2 etapas conforme necessidade da população: 1. Após o processo de acolhida da DEAM e 2. Convite à vítima a participar da pesquisa.

4.6 Aspectos éticos

O presente estudo está de acordo com a Resolução 466/2012, no que concerne os aspectos éticos legais, o envolvimento dos participantes a pesquisa se dará de forma voluntária e gratuita, sendo confirmada através da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE.

Este estudo apresenta risco mínimo à população participante, como o desconforto ou incômodo ao responder os questionários necessários utilizados na pesquisa. Tendo como objetivo trazer novos conhecimentos a coletividade em geral, desde os profissionais que trabalham com a demanda de violência contra a mulher nas relações íntimas aos que desconhecem a caracterização da violência nas relações íntimas, visando promover conhecimentos e ações que visem à prevenção e promoção da saúde as vítimas.

Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa – CEP, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, para liberação do estudo, sendo aprovada, de acordo com o Parecer Consubstanciado número 2.683.345, tendo a anuência da Delegacia Especializada em Atendimento a Mulher – DEAM, do município de Ariquemes-RO, para coleta de dados.

4.7 INSTRUMENTOS

Para a coleta de dados foram utilizados três instrumentos:

4.7.1 Questionário Aberto

Questionário aberto composto por 10 questões sendo este adaptado de acordo com o questionário produzido e utilizado pelos autores Cortez e Souza (2008) em um estudo realizado na Delegacia de Defesa da Mulher – DDM, a qual as vítimas tinham histórico de violência nas relações íntimas e registraram denúncia contra seus agressores.

O questionário permite elaborar um levantamento de informações sobre a vítima, como idade, escolaridade, profissão, estado civil, início ou duração da violência, duração do relacionamento, número de filhos, tipos de violências sofridas, se a vítima permanece na relação abusiva, se houve denúncias, sendo estes alguns dos dados a serem levantados.

4.7.2 Questionário de Esquemas de Young

É composto por 90 itens, avalia 18 Esquemas Iniciais Desadaptativos, sendo esquematizados de acordo com o somatório de grupos de 5 questões cada. Os esquemas são classificados em cinco grandes domínios (PAIM; FALCKE 2016).

O Inventário de Young (1990) foi elaborado por ele mesmo a partir de suas experimentações clínicas e conhecimentos subsequentes (PAIM; FALCKE 2016). É usado para identificar o percentual de esquemas desadaptativos, que são originados a partir das primeiras vivências traumáticas (WAINER *et al.*, 2016). Assim o Questionário de Esquemas de Young é considerado confiável.

4.7.3 Escala de Violência entre Parceiros Íntimos – EVIPI

A EVIPI sendo uma escala permite o auto relato da vítima, possibilitando contribuir com a avaliação e identificação das vítimas de violência entre parceiros íntimos, dando enfoque ao que diz respeito aos tipos de violências, danos à saúde da vítima, sua sexualidade, seus pertences e enfrentamento à violência. Podendo ser aplicada de forma individual e coletiva, tanto em homens quanto em mulheres, entre 18 e 65 anos de idade que estejam em relacionamento afetivo por no mínimo seis meses. Neste estudo optou-se pela aplicação de forma individual.

A aplicação da escala varia entre 15 a 25 minutos, podendo ser aplicada de forma individual e coletiva não excedendo o número de 30 a 35 pessoas, o contexto de utilização da escala pode ser clínico ou jurídico.

Os autores responsáveis pela elaboração da escala são Lélío M. Lourenço e Makilim Nunes Baptista, a data de elaboração da escala não consta.

A escala é comercializada no *site* Livraria do Psicólogo, dentre outros, sendo de uso exclusivo do psicólogo, contendo os seguintes dados: Editora HOGREFE/CETEPP, especialidade: Psicologia clínica, ISBN: 8585439467, ISBN13: 9788585439460.

4.8 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa, a pesquisadora ficou durante três semanas, de segunda à sexta-feira das 7h30min às 13h30min na DEAM, acolhendo e aplicando os instrumentos as vítimas, participaram deste estudo 30 mulheres vítimas de violências nas relações íntimas. A coleta de dados teve início no dia 09 de Julho e término dia 27 de julho de 2018.

A aplicação dos questionários foi realizada de forma individual, tendo duração média de quarenta e cinco minutos, variando sua duração de acordo com a vítima. Ao término os dados foram analisados e fundamentados, após concluir a pesquisa, foi apresentada como monografia ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA e posteriormente será encaminhada à publicação.

Por se tratar de uma pesquisa quantitativa do tipo de levantamento, utilizou-se de análise estatística descritiva para elucidar os dados obtidos. Para verificar as informações foi criada através do *software* Excel uma base de dados para melhor análise e compreensão dos mesmos.

5.DISSCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo como objetivo facilitar a compreensão deste estudo, os resultados obtidos através do questionário sociodemográfico, foram transformados em dados estatísticos e analisados de acordo com a média e o desvio padrão obtidos através da análise dos mesmos.

A ordem de apresentação dos resultados do estudo é exposta da seguinte forma, sendo primeiro apresentado os resultados do questionário sóciodemográfico, posteriormente os dados da Escala de Violência entre Parceiros Íntimos e do Questionário de Esquemas de Young.

A idade das mulheres vítimas de violências nas relações íntimas participantes deste estudo é de 34 anos (DP+- 7,8), no que diz respeito ao estado civil das vítimas 60% são solteiras, 23,3% são divorciadas, 10% casadas e 6,6% amasiadas. A escolaridade das participantes é de 12 anos (DP+- 3,2), ou seja, ensino médio completo, quanto à ocupação das mesmas, 6 são donas de casa, popularmente conhecidas como “do lar”, 4 são empregadas domésticas, 3 são diaristas, 3 cabelereiras, 3 autônomas, 2 operadoras de caixas, 1 desempregada, 1 padeira, 1 manicure, 1 cozinheira, 1 vigilante, 1 auxiliar administrativo, 1 acadêmica cursando a segunda graduação e 1 arquiteta. Quanto ao número de filhos das vítimas a média é de 2 filhos (DP+- 1,4).

Com relação à duração do relacionamento das vítimas com o agressor é de 7 anos (DP+- 5,6), tendo em vista que a presença da violência nos relacionamentos é de 5 anos (DP+- 5,2). Ou seja, a violência começa a ocorrer no início das relações, perdurando por quase todo o relacionamento.

Sobre os tipos de violências que as participantes sofreram nas relações íntimas, de acordo com o depoimento das vítimas e análises de dados, 30 relataram ter sofrido violência psicológica, 27 violência física, 23 violência moral, 11 violência sexual e patrimonial.

Com relação a quantidades de denúncias realizadas pelas vítimas, cada mulher denunciou pelo menos uma vez (DP+- 2,3). Sobre a permanência na relação a qual sofreu violência de 30 mulheres 27 delas relataram não permanecer enquanto

3 permanecem na relação a qual é vítima de violências, e estão nessas relações até hoje. Ressalta-se que muitas delas possuíam histórico de violência em mais de um relacionamento.

Quanto à análise e resultados da Escala de Violências entre Parceiros Íntimos - EVIPI, à mesma se apresenta em subtemas sendo estes, injúria e violência física, danos à saúde, sexualidade e patrimônio e por último, controle comportamental do agressor sobre a vítima, expressando os resultados em scores e critérios através de níveis, sendo nível 1 alerta e nível 2 crítico.

Com relação aos resultados da EVIPI, no que concerne à injúria e a violência física, 28 das vítimas estão em nível crítico em um percentual de 93,3%, quanto as vítimas que se encontram sem critério, mostrou-se apenas 2 no percentual de 6,6%. Quanto aos danos à saúde, sexualidade e patrimônio, 28 das vítimas encontram em nível crítico, através do percentual de 93,3% enquanto 2 das vítimas no percentual 6,6% encontram-se sem critérios. No que diz respeito ao controle comportamental do agressor sobre a vítima, 23 das vítimas no percentual de 76,6% encontram-se em nível crítico, enquanto 3 vítimas encontram-se em nível de alerta com o percentual de 10%. Apenas 4 das vítimas não apresentam controle comportamental dos agressores sobre as mesmas, o que foi verificado através do percentual de 13,3%, estando fora dos critérios 1 (nível de alerta) e 2 (nível crítico).

Os esquemas iniciais desadaptativos são protótipos emocionais e cognitivos relacionados à auto representação e interpretação dos outros, sendo desenvolvidos na infância e reproduzidos no decorrer da vida, promovendo sofrimento e provocando danos em diversos contextos (YOUNG *et al.* 2008; HALPERIN, CARNEIRO, 2016). De acordo com Young *et al.* (2008, p. 23) “o esquema é aquilo que indivíduo conhece”, ou seja, o esquema é constituído de acordo com a percepção da realidade do sujeito, sendo elaborado não somente por sensações e emoções mas também por memórias.

Young *et al.* (2008), ressalta que embora os esquemas causem sofrimento aos indivíduos, os mesmos são crenças, verdades que o sujeito conhece, dessa forma se torna confortável e familiar, influenciando nas relações posteriores, em sua maneira de sentir, agir, pensar e relacionar-se. Tendo em vista que eventos que

ativam os esquemas os atraem, levando em consideração que quanto mais grave é o esquema mais eventos podem ativá-lo (YOUNG *et al.*, 2008).

De acordo com Scribel *et al.* (2007), a formação de um casal traz consigo a junção de suas crenças primárias, orientando suas ações na relação colaborando com a constituição de esquemas, dessa maneira a dinâmica conjugal pode contribuir com a manutenção dos EIDs do indivíduo (YOUNG *et al.*, 2003; WAINER *et al.*, 2016). Assim a busca por congruência cognitiva e a preservação dos EIDs que comumente desencadeia forte atração por relações que preservam crenças familiares, servem como pressupostos para as escolhas amorosas e a permanência em relações danosas tendo em vista que as mesmas estão pautadas na essência das primeiras vivências traumáticas (esquemas desadaptativos), que são rememoradas quando o esquema é estimulado sendo coordenadas pelas experiências primárias (WAINER *et al.*, 2016).

Dentre os esquemas desadaptativos menos pontuados neste estudo, encontram-se, os esquemas de dependência 11,9 (DP+- 5,8), emaranhado 12,4 (DP+- 5,9), vergonha 12,7 (DP+- 6,9), postura positiva 14,1 (DP+- 5,7), autocontrole e/ou autodisciplina insuficiente 14,7 (DP+- 5,2), fracasso 14,7 (DP+- 7,5), busca de aprovação 15,5 (DP+- 6,4), grandiosidade 15,7 (DP+- 7,3), subjugação 16,1 (DP+- 6,5), isolamento 16,7 (DP+- 7,5) e inibição emocional 17,9 (DP+- 7,0).

Os esquemas desadaptativos prevalentes neste estudo, realizado com mulheres vítimas de violências nas relações íntimas, podemos ressaltar:

O auto sacrifício sendo pontuado em 21,4 (DP+- 6,7), pertencente ao domínio IV – direcionamento para o outro, esquemas pertencentes a esse domínio buscam satisfazer as necessidades do outro para obter aprovação, como também a manutenção do vínculo emocional e evitar retaliação. Assim refletem nas respostas dos outro, não tendo consciência de suas emoções e preferências pessoais (YOUNG *et al.*, 2008). O esquema de auto sacrifício é resultado de sentimentalidade acentuada ao sofrimento do outro, o sujeito de forma voluntária busca suprir as necessidades alheias à custa das suas, tendo como pressuposto evitar a culpa e o desconforto alheio mantendo vínculos. Dentre as causas mais comuns estão, não causar sofrimentos aos outros, evitar sentimentos de egoísmo, manter-se ligado aos considerados “frágeis”, esse esquema está acima do conceito de codependência

(YOUNG, et al. 2008), dentre as emoções mais frequentes neste esquema está a culpa e a ansiedade (PAIM; COPETTI, 2016).

O negativismo 20,8 (DP+- 6,1), pertencente ao domínio V– supervigilância e inibição, esquemas pertencentes a esse domínio suprimem sentimentos e impulsos, preservam regras rígidas e desempenho, à custa de relaxamento, felicidades, saúde e relações íntimas (YOUNG *et al.*, 2008). Assim o negativismo é marcado por maximização dos aspectos negativos vivenciados e omitindo os aspectos positivos, havendo expectativas exacerbadas com relação a imperfeições relacionadas ao trabalho, finanças e relações, acreditando-se que algo pode dar errado sempre, sendo predominante a indecisão, queixas, hipervigilância e a preocupação (YOUNG *et al.*, 2008). Tendo com emoções mais comuns a ansiedade e a tristeza (PAIM; COPETTI, 2016).

O abandono 20,1 (DP+- 6,8), relacionado ao I domínio – desconexão e rejeição, esquemas pertencentes a este domínio estão relacionados à incapacidade da formação de vínculos seguros, tendo as necessidades de amor, pertencimento, estabilidade e proteção não atendidas (YOUNG *et al.*, 2008). No esquema de abandono, o sujeito tem a compreensão de que as pessoas que proporcionam afeto, ligação e segurança não continuarão proporcionando, tendo a apreensão de que será abandonado, porque morrerá ou porque escolherá alguém melhor, considerando-os instáveis (YOUNG *et al.*, 2008). Entre as emoções presentes está, o medo, a raiva, a tristeza e o desespero (PAIM; COPETTI, 2016).

A vulnerabilidade 19,4 (DP+- 6,8), pertencente ao II domínio – autonomia e desempenho prejudicados, sobre os esquemas que fazem parte deste domínio os mesmos concerne à incapacidade de atuar de forma independente, pois suas expectativas sobre si e sobre o mundo somados a dificuldade de diferenciar dos pais o impedem, sendo embaraçoso determinar objetivos pessoais e as habilidades para execução dos mesmos (YOUNG, et al. 2008). A vulnerabilidade enquanto esquema atua sobre o indivíduo fazendo acreditar que a qualquer momento algo catastrófico ocorrerá, não havendo como evitar, podendo ser algo externa, médico ou emocional. (YOUNG *et al.*, 2008). Como emoção frequente nesse esquema pode ressaltar a ansiedade (PAIM; COPETTI, 2016).

Os padrões inflexíveis 19,1 (DP+- 6,5) faz parte do V domínio - supervigilância e inibição. O esquema de padrões inflexíveis é marcado por crenças e esforços constantes em alcançar altos padrões, tendo como objetivo evitar desaprovação, críticas e vergonha. Comumente resulta em sentimentos de pressão, posturas críticas e exacerbadas com relação a si e aos outros, tendo prejuízos significativos relacionados ao prazer, saúde, autoestima, sensação de realização ou de relacionamentos satisfatórios (YOUNG *et al.*, 2008). Os padrões inflexíveis se apresentam através do perfeccionismo, subestimar desempenho, regras rígidas relacionadas aos preceitos éticos, morais e culturais, preocupação com eficiência e tempo, acreditando ter que fazer mais do que comumente se faz (YOUNG *et al.*, 2008). Dentre as emoções comuns nesse esquema pode-se ressaltar a raiva, a ansiedade e a culpa (PAIM; COPETTI, 2016).

A desconfiança/abuso 19,0 (DP+- 5,9), faz parte do domínio I – desconexão e rejeição. O esquema de desconfiança/ abuso traz consigo a apreensão de que sempre será traído, humilhado, enganado, machucado, abusado, acreditando que os outros sempre vão mentir ou aproveitar de si. Levando em consideração que o dano é intencional ou sendo consequência de negligência injustificada (YOUNG *et al.*, 2008). As emoções comuns nesse esquema incluem, medo, raiva, solidão, ciúmes e desamparo (PAIM; COPETTI, 2016).

A privação emocional 18,2 (DP+- 7,1), está inserida no domínio I – desconexão e rejeição. Pessoas que possuem esse esquema acreditam que o desejo de ter sua vinculação emocional suprida não será realizada, apresentando ausência de cuidado/afeto, compreensão/empatia e proteção. Dentre as emoções comuns no esquema estão: solidão, desamparo, tristeza e raiva (PAIM; COPETTI, 2016).

Dessa maneira pode-se ressaltar os domínios mais frequentes e pontuados neste estudo estão: domínio I – desconexão e rejeição tendo três esquemas mais pontuados, dentre eles desconfiança, abandono e privação emocional e o domínio V – supervigilância e inibição, pontuando dois esquemas, sendo estes, padrões inflexíveis e negativismo.

De acordo com um estudo qualitativo realizado por Khosravi *et al.* (2011), com 20 mulheres com histórico de violência conjugal, ressaltou que dentre os EIDs

predominantes, foram todos do primeiro domínio esquemático, dentre eles desconfiança/abuso, vergonha e privação emocional. Estudos realizados por Calvete *et al.* (2007), que buscava indagar sobre o papel dos EIDs como mediadores de violência nas relações íntimas e sintomas depressivos, com 312 mulheres vítimas de violência na Espanha, dentre os domínios esquemáticos mais comuns em mulheres vítimas de violências nas relações íntimas está o domínio de desconexão e rejeição, clarificando a relação entre a violência e comportamentos depressivos. Compreende-se dessa maneira que há influências significativas entre as vivências primárias e violências conjugais sendo estes perpetuados através dos EIDs.

Leahy (2016) cita o exemplo de um sujeito que se sente sozinho, tendo emoções do primeiro domínio como medo, solidão, acreditando que é parte de sua realidade, dessa maneira procura evitar tais sentimentos, com medo de ficar só busca relações destrutivas.

De acordo as informações realizadas nesse estudo se comparando, com a pesquisa realizada por Paim *et al.* (2012) com 163 pessoas em Porto Alegre/RS, verificou-se a relação entre os Esquemas Iniciais Desadaptativos e a violência nas relações íntimas, sendo identificados os EIDs mais suscetíveis à preservação de relações de violência, sendo identificados os esquemas de desconfiança/abuso, isolamento social, defectividade/vergonha, dependência/incompetência, emaranhamento, auto sacrifício, grandiosidade/arrogo e autodisciplina/autocontrole insuficientes estando relacionados a praticar a violência (PAIM *et al.*, 2012), em comum com o estudo realizado por Paim *et al.* (2012), este estudo apresenta a existência dos esquemas de auto sacrifício e desconfiança/abuso em mulheres vítimas de violência nas relações íntimas.

Tendo em vista que às vítimas estiveram em relacionamentos com duração de 7 anos (DP+- 5,6), sendo 5 anos (DP+- 5,2) vítima de violência. No que concerne ao posicionamento das vítimas frente à violência nas relações íntimas, pode-se afirmar que as mesmas utilizam como processo esquemático a manutenção, que diz respeito aos comportamentos e cognições disfuncionais que reforçam os esquemas (WAINER; RIJO, 2016), o que contribui com a manutenção do esquema, influenciando na permanência nas relações íntimas violentas (YOUNG *et al.*, 2008).

Diante do exposto, ressalta-se que o fenômeno da violência conjugal pode de fato ser mantida pelos EIDS, tornando mulheres que tiveram suas necessidades

básicas negligenciadas como um fator de risco, uma vez que, de acordo com os dados deste estudo, elas apresentam a resignação como estratégia de enfrentamento à violência. A mulher negligenciada na infância pelos pais tenderá a ter relacionamentos reforcem essa negligência. Considera-se que uma medida interventiva baseada em evidência é a aplicação da Reestruturação Familiar Cognitiva que possui como objetivo a reorganização do sistema familiar e a reparentalização como foco para sanar as necessidades básicas, promovendo uma melhora significativa nos EIDS e modos esquemáticos (WAINER *et al.*, 2016; CUNHA, 2017).

CONCLUSÃO

A partir desta pesquisa foi possível delinear os esquemas predominantes em mulheres vítimas de violências nas relações íntimas, como também o respectivo estilo de enfrentamento diante da violência. Dessa maneira os resultados aqui explicitados contribuem para maior compreensão sobre a permanência de mulheres em relações íntimas abusivas e seu perfil esquemático.

Dentre os esquemas preeminentes neste estudo, encontram-se os esquemas de auto sacrifício, negativismo, abandono, vulnerabilidade, padrões inflexíveis, desconfiança e privação emocional. Dentre os domínios mais frequentes e pontuados neste estudo estão: domínio I – desconexão e rejeição tendo três esquemas mais pontuados, sendo estes a desconfiança, o abandono e a privação emocional e o domínio V – supervigilância e inibição, pontuando dois esquemas, sendo estes, padrões inflexíveis e negativismo.

No que concerne ao posicionamento das vítimas frente à violência nas relações íntimas, pode-se afirmar que as mesmas utilizam como processo esquemático a manutenção, que diz respeito aos comportamentos e cognições disfuncionais que reforçam os esquemas (WAINER; RIJO, 2016), o que contribui com a manutenção do esquema, influenciando na permanência nas relações íntimas violentas (YOUNG *et al.*, 2008).

Os resultados encontrados corroboram com os estudos encontrados anteriormente, ratificando a teoria de Young (1990), no que concerne sobre a relevância das relações primárias funcionais e sua contribuição as relações secundárias favoráveis (PAIM; FALCKE, 2016).

REFERÊNCIAS

ALVES, Sandra Lúcia Belo; DINIZ, Normélia Maria Freire. Eu digo não, ela diz sim: a violência conjugal no discurso masculino. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Bahia, 2005, p. 387-392. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v58n4/a02v58n4>>. Acesso em: 10 de Janeiro 2018.

BREAKWELL, Glynis M. FIFE-SCHAW, Chris. HAMMOND, Sean. SMITH, Jonathan A. **Métodos de pesquisa em Psicologia**. 3.ed. Porto Alegre: artmed, 2010.

CALAIS, João Filipe Lourenço Gomes. **Importância do correto funcionamento de equipamentos electromecânicos numa empresa de tratamento e abastecimento de águas**. 2013. Tese de Doutorado. Disponível em: <<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/2454>>. Acesso em: 10 de Janeiro 2018.

CALAIS, Sandra Leal. **Delineamento de levantamento ou survey**. In: BAPTISTA, MAKILIM Nunes. CAMPOS, Dinael Corrêa de. **Metodologias de Pesquisa em Ciências: Análises Quantitativas e Qualitativas**. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

CALVETE, E., ESTÉVEZ, A., & CORRAL, S. (2007). Intimate partner violence and depressive symptoms in women: Cognitive schemas as moderators and mediators. *Behavior Research and Therapy*, 45(4), 791-804. doi: 10.1016/j.brat.2006.07.00

CAZASSA, Milton José; DA SILVA OLIVEIRA, Margareth. Validação brasileira do questionário de esquemas de Young: forma breve. **Estudos de Psicologia (PUCCAMP. Impresso)**, Campinas, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29n1/a03v29n1>>. Acesso em: 11 de Janeiro 2018.

CECERO, John J.; YOUNG, Jeffrey E. Case of Silvia: A schema-focused approach. **Journal of Psychotherapy Integration**, v. 11, n. 2, p. 217-229, 2001. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1023/A:1016657508247>>. Acesso em: 09 Jan. 2018.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência, perspectivas antropológicas da mulher. 4ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Zahar; 1985.

CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio de. Mulheres (in) subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, Brasília, 2008 Vol. 24 n. 2, pp. 171-180. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722008000200006&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 09 de Janeiro 2018.

CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio de. Mulheres (in) subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Adaptação do questionário utilizado na pesquisa.** *Psicologia: Teoria e pesquisa*, Brasília, 2008 Vol. 24 n. 2, pp. 171-180. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S01027722008000200006&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 09 Jan. 2018.

COZBY, Paul C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento.** São Paulo: Atlas, 2003, p. 454.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: métodos quantitativos e misto.** Porto Alegre, Artmed, 2010.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. Plano. **Pesquisa de Métodos Mistos-:** Série Métodos de Pesquisa. Penso Editora, 2015.

CUNHA, Everson Ferreira. **Reestruturação familiar cognitiva através do role play e terapia de esquema em grupos.** (Repositório institucional), Ariquemes, [s.n.], 2017, p. 7-40. Disponível em: <http://repositorio.faema.edu.br:8000/jspui/bitstream/123456789/1184/1/CUNHA%2c%20E.%20F.%2020REESTRUTURA%C3%87%C3%83O%20FAMILIAR%20COGNITIVA%20ATRAV%C3%89S%20DO%20ROLE%20PLAY%20E%20TERAPIA%20DE%20ESQUEMA%20EM%20GRUPO.pdf> >. Acesso em: 20 out. 2018.

DAY, Vivian Peres et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul.** [S.l.:s.n.], v. 25, n.

supl 1, p. 9, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s>>. Acesso em: 13 de Janeiro de 2018.

DE OLIVEIRA, NathalieAp; DE LIMA GONÇALVES, Edvagner; MARTINS, Helena. Lei Maria da Penha. **JICEX**, [S.l.:s.n.], v. 1, n. 1, 2014.

DYNIWICZ, Ana Maria. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes**. 2 ed. São Caetano do Sul: Difusão, 2009.

GARBIN, Cléa Adas Salibaet al. Violência doméstica: análise das lesões em mulheres. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 2567-2573, 2006. Disponível em: <https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S010211X2006001200007&script=sci_arttext&lng=en>. Acesso em: 12 de Janeiro de 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007, p. 175.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALPERIN, Carolina Fischmann; CARNEIRO, Júlio César Rodrigues. **Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia**. A teoria do apego e as bases familiares da terapia do esquema. Porto Alegre: Artmed, 2016, p. 39-63.

KHOSRAVI, Z., ATTARI, A., & REZAEI, S. (2011). Intimate partner violence in relation to early maladaptive schemas in a group of outpatient Iranian women. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*. 30, 1374-1377. doi:10.1016/j.sbspro.2011.10.266.

LEÃO, Bruna M. et al. Relacionamento abusivo: o patriarcado e suas influências na atualidade. **Revista Eletrônica materializando conhecimentos**, [S.l.:s.n.], v. 04, p. 1-19, 2017.

LEAHY, Robert L. **Terapia do esquema emocional**: manual para o terapeuta [recurso eletrônico] / Robert L. Leahy; tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa; revisão técnica: Ricardo Wainer. – Porto Alegre: Artmed, 2016.

MARTINS, Vanessa Machado; BARTILOTTI, Carolina Bunn. “Acabou comigo como pessoa” A caracterização da violência doméstica a partir da percepção de mulheres violentadas. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, [S.l.:s.n.], v. 16, n. 108, p. 41-61, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2015v16n108p41>>. Acesso em: 16 de Janeiro de 2018.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. SOUZA, Ivis Emilia de Oliveira. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, [s.n.], 2006, p. 26-31. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/714/71416103.pdf>>. Acesso em: 16 de Janeiro de 2018.

NORONHA, Ana Paula; BAPTISTA, Makilim Nunes. **Relação entre metodologia e avaliação psicológica**. In: BAPTISTA, Makilim Nunes. CAMPOS, Dinael Corrêa de. **Metodologias de Pesquisa em Ciências: Análises Quantitativas e Qualitativas**. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

PAIM, Kelly; COPETTI, Maria Eugênia Korndorfer. **Terapia cognitiva focada em esquemas**: integração em psicoterapia. Estratégias de avaliação e identificação dos esquemas iniciais desadaptativos. Porto Alegre: Artmed, 2016, p. 86-105.

PAIM, Kelly; FALCKE, Denise. Perfil discriminante de sujeitos com histórico de violência conjugal: O papel dos Esquemas Iniciais Desadaptativos. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S.l.:s.n.], v. 18, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/887>> . Acesso em 17 de Janeiro de 2018.

PAIM, Kelly; MADALENA, Marcela; FALCKE, Denise. Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 31-39, 2012. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S18086872012000100005&script=sci_abstract&lng=en>. Acesso em: 18 de Janeiro de 2018.

PAIVA, Carla; FIGUEIREDO, Bárbara. Abuso no contexto de relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. **Psicologia, saúde e doenças**, v. 4, n. 2, p. 165-184, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S16450862003000200001&script=sci_arttext&lng=es>. Acesso em 18 de Janeiro de 2018.

SCRIBEL, Maria do Céu; SANA, Maria Regina; DI BENEDETTO, Angela Maria. Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 0-0, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S18086872007000200004&script=sci_abstract&lng=es>. Acesso em 19 de Janeiro de 2018.

SILVA, Luciene Lemes; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, Florianópolis, v.11, n.21, p.93-103, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/icse/2007.v11n21/93-103/>> . Acesso em 20 de Janeiro de 2018.

SHAUGHNESSY, John J. ZECHMEISTER, Eugene B. ZECHMEISTER, Jeanne S. **Metodologia de Pesquisa em Psicologia**. 9.ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.

TRINDADE, Michele Terres; MOSSATTI, Roselaine Londero; MAZZONI, Cláudia Galvão. Terapia do esquema: uma evolução na terapia cognitivo-comportamental. **Manuscrito não publicado**, [S.l.:s.n.], 2009. Disponível em: <<http://files.metacognitiva.com/200000161-68938698d9/Terapia%20do%20esquema-%20uma%20evolu%C3%A7%C3%A3o%20na%20terapia%20Cognitivo-comportamental.pdf>>. Acesso em 20 de Janeiro de 2018.

WAINER, Ricardo; PAIM, Kelly; ERDOS, Renata; ANDRIOLA, Rossana. **Terapia Cognitiva Focada em Esquemas: integração em psicoterapia.** Porto Alegre: Artmed, 2016.

WAINER, Ricardo; RIJO, Daniel. **Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia. O modelo teórico: esquemas iniciais desadaptativos, estilos de enfrentamento e modos esquemáticos.** Porto Alegre: Artmed, 2016, p. 48-63.

YOUNG, J. E., KLOSKO, J. S., & WEISHAAR, M. E. (2003). **Schema therapy: a practitioner's guide.** New York: The Guilford Press.

YOUNG, J.E., KLOSKO, J. S., WEISHAAR, M.E. **Terapia do Esquema: Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

APENDICÊS

CARTA DE ANUÊNCIA



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE
Instituto Superior de Educação – ISE/FAEMA

Portaria MEC de Recredenciamento Nº. 857, de 11/09/2013, D.O.U. de 12/09/2013.

CARTA DE ANUÊNCIA

A V. Exa. Rosa Maria Pinho Campos

Solicitamos autorização institucional da pesquisa, que será submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Educação e Meio Ambiente (CEP FAEMA), em cumprimento das diretrizes estabelecidas pela resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde (CNS/MS). Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos.

Esta pesquisa é intitulada, Esquemas desadaptativos em mulheres em relacionamentos abusivos, a ser realizada no (a) Delegacia Especializada em Defesa da Mulher e Família, pelo(a) Aline Martins de Oliveira, sob orientação do *Gésica Borges Bergamini*, com o(s) seguinte(s) objetivo(s): Identificar o perfil de mulheres vítimas de relações íntimas abusivas; Investigar as influências das relações primárias sobre os comportamentos disfuncionais da vítima em relacionamentos abusivos; Expressar os comportamentos da vítima frente à relação abusiva, necessitando portanto, ter acesso aos dados a serem colhidos no setor de atendimento especializado a mulher vítima de violência da instituição. Ao mesmo tempo, solicitamos autorização para que o nome desta instituição possa constar no relatório final bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressaltamos que a pesquisa terá início após a apresentação do Parecer Consubstanciado Aprovado, emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP FAEMA. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Diretoria, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessária.

Aline M. de Oliveira



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE
Instituto Superior de Educação - ISE/FAEMA

Portaria MEC de Recredenciamento Nº. 857, de 11/09/2013, D.O.U. de 12/09/2013.

Ariquemes, 16 de Abril de 2018.

Gésica Borges Bergamini

Pesquisador(a) Responsável do Projeto
(CARIMBO)

Alne Martins de Oliveira

Membro/Equipe da Pesquisa (acadêmico)

Gésica Borges Bergamini
 Paleóloga / Psicopedagoga
 Neuropsicóloga / Neuropsicopedagoga
 CRP 20098/10
 CPF: 888.819.872-83

Concordamos com a solicitação Não concordamos com a solicitação

Rosa Maria Pinho Campos

Delegada da Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher de

Ariquemes

(CARIMBO)

Rosa Maria P. Campos
 Delegada de Polícia
 Mat. 300148453

Cro Regional
para encaminhamento
e providências
cabíveis
 19.04.18

Rm
 Rosa Maria P. Campos
 Delegada de Polícia
 Mat. 300148453

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

“ESQUEMAS DESADAPTATIVOS DE MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS”

Você está sendo convidada como voluntária (a) a participar da pesquisa “**Esquemas desadaptativos de mulheres em relacionamentos abusivos**”. O presente estudo tem como foco a população de mulheres vítimas de violência nas relações íntimas, tendo como agressor cônjuge, ex-cônjuge, namorado, ex-namorado, amásio ou amantes, a partir do estudo temos como objetivo: Aplicação de questionário para levantamento de dados, Inventário de Esquemas de Young e Escala de Violência entre Parceiros Íntimos; Realizar levantamento dos esquemas desadaptativos em mulheres vítimas de violência; Investigar as influências das relações primárias sobre os comportamentos disfuncionais da vítima em relacionamentos abusivos; Expressar os comportamentos da vítima frente à relação abusiva.

O motivo que nos leva a estudar o assunto é compreender as influências das relações primárias sobre os comportamentos disfuncionais das vítimas de relações abusivas entre parceiros íntimos. A partir desse estudo pretendemos analisar os comportamentos das vítimas diante das relações abusivas.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s):

- O presente estudo consiste em uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa e quantitativa. Serão aplicados três questionários, questionário para levantamento de dados contendo dez questões, Questionário de Esquemas de Young com duzentos e cinco itens no total e a Escala de Violência entre Parceiros Íntimos – EVIPI, sendo que os mesmos serão aplicados na própria Delegacia Especializada em Atendimento a Mulher – DEAM, em dia e horário definido com os responsáveis pela instituição. Os questionários serão aplicados após o recolhimento do Termo de



Celine Martins de Oliveira.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
“ESQUEMAS DESADAPTATIVOS DE MULHERES EM
RELACIONAMENTOS ABUSIVOS”.

Livre Esclarecido: Os questionários serão aplicados individualmente, tendo em média duração de uma hora e quarenta minutos para preenchimento.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se em qualquer etapa da pesquisa. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. **Você não será identificada em nenhuma hipótese.**

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. **Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado.** Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, após esse tempo serão destruídos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

Eu, _____,
portador (a) do documento de Identidade _____, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações. Tendo o consentimento já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento

Aline Martins de Oliveira



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
"ESQUEMAS DESADAPTATIVOS DE MULHERES EM
RELACIONAMENTOS ABUSIVOS".

Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Telefone: _____

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – CEP/FAEMA, Avenida Machadinho, 4349, Setor 06 Ariquemes – RO
Fone: (69)-3536-6600 Email: cep@faema.edu.br

Pesquisadora responsável: Gésica Borges Bergamini

Fone: (69) 9 8432 – 4094

Email: gpensemagro@gmail.com

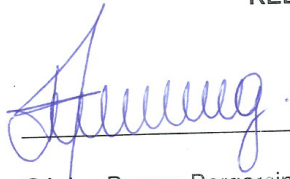
Data: ____ / ____ / ____.

Assinatura do Voluntário



Celine Martins de Oliveira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
“ESQUEMAS DESADAPTATIVOS DE MULHERES EM
RELACIONAMENTOS ABUSIVOS”.

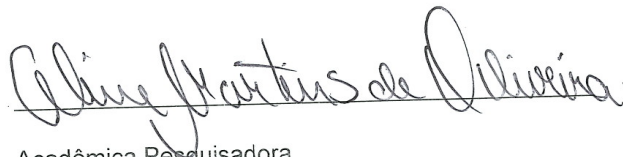


Gésica Borges Bergamini

Gésica Borges Bergamini
Psicóloga / Psicopedagoga
Neuropsicóloga / Neuropsicopedagoga
CRP 20/03910
CPF: 890.919.812-53

Orientadora/Pesquisadora Responsável

(69) 8432-4094



Acadêmica Pesquisadora

Aline Martins de Oliveira

(69) 99954-6133

ANEXOS

QUESTIONÁRIO ABERTO

Questionário produzido por Cortez e Souza (2008) e adaptado de acordo com os responsáveis pela pesquisa visando atingir os objetivos do estudo.

1) Idade:

2) Estado civil:

3) Escolaridade:

4) Profissão:

5) Número de filhos:

6) Duração do Relacionamento:

7) Tipo(s) de violência(s) sofrida (física, psicológica, sexual, moral e patrimonial):

8) Início ou duração da violência:

9) Houve denúncias:

10) Permanece na relação:

QUESTIONÁRIO DE ESQUEMAS DE YOUNG — YSQ-S3

QUESTIONÁRIO DE ESQUEMAS DE YOUNG — YSQ-S3

Jeffrey Young, Ph.D.

(Tradução e adaptação de J. Pinto Gouveia, D. Rijo e M.C. Salvador, 2005, revista). CINEICC – Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental; Universidade de Coimbra

Nome: _____ Idade: _____
 Data: _____ Estado Civil: _____
 Grau de Instrução: _____ Profissão: _____

INSTRUÇÕES: Estão indicadas, a seguir, algumas afirmações que podemos utilizar quando queremos nos descrever. Por favor, leia cada uma das afirmações e decida até que ponto ela se aplica a você, ao longo do último ano. Quando tiver dúvidas, responda bassando-se no que sente emocionalmente, e não no que pensa ser verdade.

Algumas das afirmações referem-se à sua relação com os seus pais ou companheiro(a). Se alguma dessas pessoas faleceu, por favor, responda a essas questões com base na relação que tinha anteriormente com ela. Se, atualmente, não tem um(a) parceiro(a), mas teve relacionamentos amorosos no passado, por favor responda com base no seu relacionamento amoroso significativo mais recente.

Para responder até que ponto a afirmação q(a) descreve, utilize a escala de resposta abaixo indicada, escolhendo, entre as seis respostas possíveis, aquela que melhor se ajusta ao seu caso. Escreva o número da resposta no respectivo espaço em branco.

ESCALA DE RESPOSTA

1 = Completamente falso, isto é, não tem absolutamente nada a ver com o que acontece comigo.

2 = Falso na maioria das vezes, isto é, não tem quase nada a ver com o que acontece comigo.

3 = Ligeiramente mais verdadeiro do que falso, isto é, tem ligeiramente a ver com o que acontece comigo.

4 = Moderadamente verdadeiro, isto é, tem moderadamente a ver com o que acontece comigo.

5 = Verdadeiro a maioria das vezes, isto é, tem muito a ver com o que acontece comigo.

6 = Descreve-me perfeitamente, isto é, tem tudo a ver com o que acontece comigo.

1. ___ Não tenho tido ninguém que cuide de mim, que partilhe comigo a sua vida ou que se preocupe realmente com tudo o que me acontece.

2. ___ Costumo apegar-me demasiadamente às pessoas que me são mais próximas porque tenho medo de que elas me abandonem.

3. ___ Sinto que as pessoas vão se aproveitar de mim.

4. ___ Sou um(a) desajustado(a).

5. ___ Nenhum(a) homem/mulher de quem eu goste pode gostar de mim depois de conhecer os meus defeitos ou fraquezas.

6. ___ Quase nada do que faço no trabalho (ou na escola) é tão bom como o que os outros são capazes de fazer.

7. ___ Não me sinto capaz de me virar sozinho (a) no dia a dia.

8. ___ Não consigo deixar de sentir que alguma coisa ruim está para acontecer.

9. ___ Não tenho sido capaz de me separar dos meus pais, tal como fazem as outras pessoas da minha idade.

10. ___ Sinto que, se fizer o que quero, só vou arranjar problemas.

11. ___ Sou sempre eu que acabo por tomar conta das pessoas que me são mais chegadas.

12. ___ Sou demasiado controlado(a) para revelar os meus sentimentos positivos aos outros (p. ex., afeto, mostrar que me preocupo).

13. ___ Tenho que ser o(a) melhor em quase tudo o que faço; não aceito ficar em segundo lugar.

14. ___ Tenho muita dificuldade em aceitar um "não" como resposta quando quero alguma coisa dos outros.

15. ___ Não sou capaz de me forçar a ter disciplina suficiente para cumprir tarefas rotineiras ou entediantes.

16. ___ Ter dinheiro e conhecer pessoas importantes me faz sentir uma pessoa com valor.

17. ___ Mesmo quando as coisas parecem estar correndo bem, sinto que isso é apenas temporário.

18. ___ Se cometer um erro, ~~quero~~ ser castigado.

19. ___ Não tenho pessoas que me deem carinho, apoio e afeto.

20. ___ Preciso tanto dos outros que me preocupa com o fato de poder perdê-los.

21. ___ Sinto que tenho sempre que me defender na presença dos outros, caso contrário eles me magoarão intencionalmente.

22. ___ Sou fundamentalmente diferente dos outros.

23. ___ Ninguém que me agrada gostaria de ficar comigo depois de me conhecer tal como eu sou na realidade.

24. ___ Sou ~~um~~(a) incompetente quando se trata de atingir objetivos ou cumprir uma tarefa no trabalho (ou na escola).

25. ___ Considero-me uma pessoa dependente relativamente ao que tenho que fazer no dia a dia.

26. ___ Sinto que uma desgraça (natural, criminal, financeira ou médica) pode me atingir a qualquer momento.

27. ___ Eu e os meus pais temos tendência a nos envolvermos demasiadamente na vida e nos problemas uns dos outros.

28. ___ Sinto que não tenho outro remédio senão ceder à vontade dos outros, caso contrário, eles irão ~~rejeitar~~, zangar-se ou rejeitar-me de alguma maneira.

29. ___ Sou uma boa pessoa porque penso mais nos outros do que em mim.

30. ___ Considero embaraçoso exprimir os meus sentimentos aos outros.

31. ___ Esforço-me por fazer o melhor; não me contento com ser suficientemente bom.

32. ___ Sou especial e não deveria ser ~~obrigado~~(a) a aceitar muitas das restrições ou limitações que são impostas aos outros.

33. ___ Se não consigo atingir um objetivo, fico facilmente frustrado(a) e desisto.

34. ___ Aquilo que consigo alcançar tem mais valor para mim se for algo em que os outros reparam.

35. ___ Se algo de bom acontecer, preocupo-me que esteja para acontecer algo ruim a seguir.

36. ___ Se não me esforçar ao máximo, é de se esperar que as coisas corram mal.

37. ___ Tenho sentido que não sou uma pessoa especial para ninguém.

38. ___ Preocupa-me que as pessoas a quem estou ligado(a) me deixem ou me abandonem.

39. ___ Mais cedo ou mais tarde, acabarei sendo traído(a) por alguém.

40. ___ Sinto que não pertença a grupo nenhum; sou um solitário.

41. ___ Não tenho valor suficiente para merecer o amor, a atenção e o respeito dos outros.

42. ___ A maioria das pessoas tem mais capacidades do que eu no que diz respeito ao trabalho (ou à escola).

43. ___ Tenho falta de bom senso.

44. ___ Preocupa-me poder ser fisicamente agredido por alguém.

45. ___ É muito difícil, para mim e para os meus pais, termos segredos íntimos que não contamos uns aos outros sem nos sentirmos traídos ou culpados por isso.

46. ___ Nas minhas relações com os outros deixo que eles me dominem.

47. ___ Estou tão ocupado(a) fazendo coisas para as pessoas de quem gosto que tenho pouco tempo para mim.

48. ___ Para mim é difícil ser casual(a) e espontâneo(a) com os outros.

49. ___ Devo estar à altura de todas as minhas responsabilidades e funções.

50. ___ Detesto ser rejeitado(a) ou impedido(a) de fazer o que quero.

51. ___ Tenho muita dificuldade em abdicar de uma recompensa ou prazer imediato a favor de um objetivo em longo prazo.

52. ___ Sinto-me pouco importante, a não ser que receba muita atenção dos outros.

53. ___ Todo o cuidado é pouco; quase sempre alguma coisa corre mal.

54. ___ Se não fizer bem o que me compete, mereço sofrer as conseqüências.

55. ___ Não tenho lido ninguém que me ouça atentamente, que me compreenda ou que perceba os meus verdadeiros sentimentos e necessidades.

56. ___ Quando sinto que alguém de quem eu gosto está se afastando de mim, sinto-me desesperado.

57. ___ Sou bastante desconfiado quanto às intenções das outras pessoas.

58. ___ Sinto-me ~~afastado(a)~~ ou desligado(a) dos outros.

59. ___ Sinto que nunca poderei ser amado por alguém.

60. ___ Não sou tão ~~talentoso(a)~~ no trabalho como a maioria das pessoas.

61. ___ Não se pode confiar no meu julgamento em situações do dia a dia.

62. ___ Preocupa-me poder perder todo o dinheiro que tenho e ficar muito pobre ou na miséria.

63. ___ Sinto frequentemente como se os meus pais vivessem através de mim — não tenho vida própria.

64. ___ Sempre deixei que os outros escolhessem por mim; por isso, não sei realmente aquilo que quero para mim.

65. ___ Tenho sido sempre eu quem ouve os problemas dos outros.

66. ___ Controlo-me tanto que as pessoas pensam que não tenho sentimentos ou que tenho um coração de pedra.

67. ___ Sinto sobre mim uma pressão constante para fazer coisas e atingir objetivos.

68. ___ Sinto que não deveria ter que seguir as regras e convenções habituais que as outras pessoas têm que seguir.

69. ___ Não consigo me obrigar a fazer coisas de que não gosto, mesmo quando sei que é para o meu bem.

70. ___ Quando faço uma intervenção em uma reunião ou quando sou apresentado a alguém em um grupo, é importante para ~~eu~~ obter reconhecimento e admiração.

71. ___ Por mais que trabalhe, preocupa-me poder ficar na miséria e perder quase tudo o que possui.

72. ___ Não interessa por que cometi um erro; quando faço algo errado, hei de arcar com as consequências.

73. ___ Não tenho lido uma pessoa forte ou sensata para me dar bons conselhos e me dizer o que fazer quando não tenho certeza da atitude que devo tomar.

74. ___ Por vezes, a preocupação que tenho com o fato de as pessoas poderem me deixar é tão grande que acabo por afastá-las.

75. ___ Estou habitualmente à procura de segundas intenções ou do verdadeiro motivo por detrás do comportamento dos outros.

76. ___ Em grupo, sinto sempre que estou de fora.

77. ___ Sou demasiado incoerente para poder me mostrar tal como sou às outras pessoas ou para deixar que me conheçam bem.

78. ___ No que diz respeito ao trabalho (ou à escola), não sou tão inteligente como a maior parte das pessoas.

79. ___ Não tenho confiança nas minhas capacidades para resolver problemas que surjam no dia a dia.

80. ___ Preocupa-me poder estar desenvolvendo uma doença grave, ainda que não tenha sido diagnosticado nada de grave pelo médico.

81. ___ Sinto frequentemente que não tenho uma identidade separada da dos meus pais ou ~~conspicua~~(a).

82. ___ Tenho imenso trabalho para conseguir que os meus sentimentos sejam levados em consideração e os meus direitos sejam respeitados.

83. ___ As outras pessoas consideram que faço muito pelos outros e não faço o suficiente por mim.

84. ___ As pessoas acham que tenho dificuldade em exprimir o que sinto.

85. ___ Não posso descuidar das minhas obrigações de forma leviana nem desculpar-me pelos meus erros.

86. ___ Sinto que o que tenho para oferecer tem mais valor do que aquilo que os outros têm para dar.

87. ___ Raramente tenho sido capaz de levar as minhas decisões até o fim.

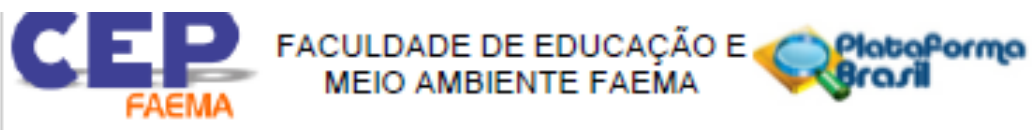
88. ___ Receber muitos elogios dos outros faz-me sentir uma pessoa que tem valor.

89. ___ Preocupa-me que uma decisão errada possa provocar uma catástrofe.

90. ___ Sou uma pessoa má que merece ser castigada.

2005 Jeffrey Young, Ph. D. Special thanks to Gary Brown, Ph.D., Scott Kellogg, Ph.D., Glenn Waller, Ph.D., and the many other therapists and researchers who contributed items and feedback in the development of the YSQ. Unauthorized reproduction without written consent of the author is prohibited. For more information, write: Schema Therapy Institute, 38 West 44th St., Ste. 1007, New York, NY 10036.

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESQUEMAS DESADAPTATIVOS DE MULHERES EM RELACIONAMENTOS

Pesquisador: Géssica Borges Bergamini

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 89302418.4.0000.5601

Instituição Proponente: UNIDAS SOCIEDADE DE EDUCACAO E CULTURA LTDA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.683.345

Apresentação do Projeto:

O projeto é uma pesquisa que tratará da violência física, psicológica e sexual contra mulheres, acima de 19 anos, em relacionamento íntimo.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar o perfil de esquemas desadaptativos das mulheres vítimas de relações íntimas abusivas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Existem riscos mínimos, como desconforto ao responder as perguntas do questionário.

Tendo como objetivo trazer novos conhecimentos a coletividade em geral, desde os profissionais que trabalham com a demanda de violência contra a mulher nas relações íntimas aos que desconhecem a caracterização da violência nas relações íntimas, visando promover conhecimentos e ações que visem à prevenção e promoção da saúde as vítimas

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Essa é uma pesquisa relevante, visto que a violência contra mulheres ainda é uma realidade na sociedade não só brasileira, como mundial. Entender que influências de suas relações íntimas essas mulheres levam para seus relacionamentos amorosos é importante para atendimentos psicoterapêuticos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos carta de anuência, cronograma, termos de consentimento livre e esclarecido, folha de

Endereço: Avenida Machado, nº 4.349, Setor 06, Sala 3.8 do Bloco C
Bairro: SETOR 06 **CEP:** 78.932-125
UF: RO **Município:** ARIQUEMES
Telefone: (69)3538-6900 **E-mail:** cep@feama.edu.br



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E
MEIO AMBIENTE FAEMA



Continuação do Parecer: 2.602.245

desto foram apresentadas de acordo com a resolução 456/12.

Recomendações:

Recomenda-se, caso necessário, ajustar as datas no cronograma no que se refere a Relatório do CEP e Finalização da Monografia, e anexar ementa na Plataforma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Concluo que o projeto é pertinente e com temática atual.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

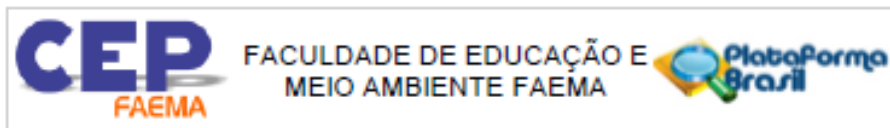
Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE INFORMACOES BÁSICAS DO PROJETO 1097674.pdf	07/05/2018 16:40:04		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	cartaanuendanova.pdf	07/05/2018 16:39:39	Gésica Borges Bergamini	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	07/05/2018 16:39:01	Gésica Borges Bergamini	Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	teleassinado.pdf	07/05/2018 16:35:54	Gésica Borges Bergamini	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	07/05/2018 16:33:39	Gésica Borges Bergamini	Aceito
Outros	lattes_bergamini.pdf	27/03/2018 10:55:57	Gésica Borges Bergamini	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_TCC_ALINE_21_03_18.docx	27/03/2018 10:54:43	Gésica Borges Bergamini	Aceito
Outros	lattesaline.pdf	27/03/2018 10:53:01	Gésica Borges Bergamini	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	27/03/2018 10:51:38	Gésica Borges Bergamini	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não



Continuação do Parecer: 2.003.345

ARIQUEMES, 29 de Maio de 2018

Assinado por:
DRIANO REZENDE
(Coordenador)

Endereço: Avenida Machado, nº 4.340, Setor 06, Sala 3.8 do Bloco C
Bairro: SETOR 06 CEP: 78.032-125
UF: RO Município: ARIQUEMES
Telefone: (69)3536-6600 E-mail: cep@feema.edu.br

CURRÍCULO LATTES



Aline Martins de Oliveira

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/4581431818101593>

Última atualização do currículo em 12/03/2018

Possui ensino-medio-segundo-graupela EEEFM HEITOR VILLA-LOBOS(2013). **(Texto gerado automaticamente pela aplicação CVLattes)**

Identificação

Nome Aline Martins de Oliveira

Nome em citações bibliográficas OLIVEIRA, A. M.

Endereço

Endereço Profissional Faculdade de Educação e Meio Ambiente.
Avenida Machadinho
Setor 06
76875547 - Ariquemes, RO - Brasil
Telefone: (69) 35366600
URL da Homepage: <http://www.faema.edu.br/>

Formação acadêmica/titulação

2014 Graduação em andamento em Psicologia.
Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.

RESULTADO DO ANTIPLÁGIO



Aprovado no antiplágio

Segue anexo o resultado da análise do antiplágio.

O e-mail para encaminhamento é: aliiineoliiveiira@gmail.com

TCC - ALINE MARTINS DE OLIVEIRA- 29-10-18..docx - 2018-10-29 21-01-30.html

Resultado da análise

Arquivo: TCC - ALINE MARTINS DE OLIVEIRA- 29-10-18..docx

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **1,45%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet [▲](#)

Suspeitas confirmadas: **0,43%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados [▲](#)

Texto analisado: **90,48%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Endereços mais relevantes encontrados:

Endereço (URL)	Ocorrências	Semelhança
http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29n1/a03v29n1.pdf	8	6,72 %